

alcançar as metas estabelecidas. Nesta perspectiva, tiravam proveito do ensino os alunos 'naturalmente' mais dotados ou aqueles mais empenhados. Uma das funções do professor seria garantir que a selecção, que forçosamente teria de acontecer, se processasse de uma forma justa.

Este cenário é que desapareceu na escola de massas, alterando as condições de identidade, função e papel do professor. É aqui o ponto principal da argumentação de Luiza Cortesão. Se, tradicionalmente, pensava-se ser apenas necessário que o docente explicasse com clareza os conteúdos curriculares, actualmente é necessário estimular nos professores o desenvolvimento de um interesse pelo conhecimento do contexto social e cultural em que trabalham e a atenção produtiva pelas situações de diversidade presentes no seu quotidiano. Numa comparação entre o Reino Unido e Portugal, a autora afirma que, no caso português, faz todo o sentido falar do *professor daltónico*, isto é, o professor que - de forma semelhante ao que acontece com os daltónicos que não podem discernir as cores do arco-íris - não identifica a heterogeneidade sociocultural com que trabalha.

Finalmente, a autora relaciona todos estes problemas e ambições de renovação da escola portuguesa com a questão relativa à anunciada *morte do professor*. A tendência é que o professor pode, sem grande dificuldade, ser substituído, até com certa vantagem, pelos estimulantes e ricos recursos educativos de que se pode dispor. Perante a variedade de meios técnicos hoje disponíveis, torna-se cada vez mais fácil (e parece até ser mais eficaz) poder utilizar esses meios para adquirir conhecimentos e treinar competências do que recorrer aos morosos (e falíveis) processos de aprendizagem na sala de aula tradicional com a ajuda de um professor. Por isso, o sentido da 'morte do professor' representa não a pura prescindibilidade de quem ensina, mas a necessidade de uma reconstrução do papel e da identidade do professor, de acordo com os modelos actuais de sociedade, conhecimento e transformação cultural.

**Susana Ramos**

*Instituto Superior Miguel Torga*

***Uma Nova Teoria Geral do Comportamento Socioeconómico.*** Título original: *Butterfly Economics: A New General Theory of Social and Economic Behaviour.* Londres: Faber and Faber, 1998. Tradução de Vanessa Guedes. Mem Martins: Europa América. 249 pp. ISBN: 972-1-04829-1.

A crise que se instalou no núcleo central da ciência económica atingiu níveis sem precedentes. Na verdade, nas últimas décadas, o descontentamento que se vinha sentindo, em relação ao estado da arte tem-se agudizado. A metáfora mecanicista em que a disciplina apostou e o excessivo formalismo matemático assente em pressupostos irrealistas são, cada vez mais, postos em causa, mesmo pelos seus protagonistas mais ilustres, como é o caso de Arrow, Sena, Leontieff, Hann, Akerloff e Friedman, entre muitos outros. As teorias do equilíbrio geral, as explicações dos ciclos económicos, as teorias do crescimento e os modelos econométricos são alguns dos exemplos mais evidentes da desadequação da disciplina para explicar fenómenos marcados pela complexidade, turbulência, imprevisibilidade e o não-equilíbrio. O *homo economicus* - esse actor incaracterístico que, através de um comportamento perfeitamente racional e maximizador, asseguraria, inevitavelmente, o equilíbrio -, serviu de alicerce ao edifício teórico da economia convencional. A heterogeneidade dos agentes e as interacções que entre eles ocorrem foram, por consequência, completamente ignoradas. Admitir que o sistema económico não pode ser explicado sem essas interacções pode parecer uma asserção banal, mas é, no entanto, o suficiente para fazer desabar as teoria ortodoxas.

É precisamente a questão dos agentes interactivos que constitui o objecto central do livro *A Economia Borboleta*. Paul Ormerod é director do Post Orthodox Economics de Londres, um centro de estudos especializados, e autor do livro *Death of Economics* (1994), uma crítica à economia convencional. No novo livro, o autor continua a explorar a ideia que a economia ortodoxa nos fornece uma imagem ilusória da realidade. De facto, o mundo é encarado, nas perspectivas económicas ortodoxas, como uma máquina com um comportamento previsível e explicável. Ormerod sustenta, assim, que é necessário substituir a visão mecanicista por uma linha de pensamento baseada na biologia, tal como afirma (p.12): 'O título deste livro (...) realça esta visão

essencial da sociedade como um ser vivo, que se adapta e aprende. O comportamento do sistema como um todo nunca poderá ser compreendido juntando simplesmente de forma mecânica as partes constituintes: tal como um ser vivo é mais do que a soma de cada uma das células que compõem o seu corpo, também a economia e a sociedade são mais do que a soma dos indivíduos que as integram<sup>1</sup>.

Segundo os modelos ortodoxos, os indivíduos agem isoladamente com gostos e preferências previamente determinados. Ormerod salienta, pelo contrário, que os indivíduos não actuam isoladamente, mas influenciam-se mutuamente, gerando situações de grande complexidade analítica dificilmente apreendidos pela matemática do século XIX, à qual a economia convencional continua presa. Somente com as técnicas matemáticas disponíveis nos últimos anos é que se torna possível explicar o funcionamento das economias modernas encaradas agora como sistemas que vivem à beira do caos. A borboleta, o emblema popular da teoria do caos, vem igualmente ilustrar que a complexidade resultante das interações entre os indivíduos determina a imprevisibilidade do sistema a curto prazo, o que não impede que, numa óptica de longo prazo, se encontre uma certa regularidade, indicando formas específicas de auto-regulação.

Os princípios básicos dos quais o autor se serve para explicar as questões socioeconómicas abordadas ao longo do livro são definidos a partir de uma experiência realizada por biólogos com uma colónia de formigas. A experiência consistiu em colocar dois montes de comida à mesma distância de um formigueiro e ver como é que as formigas se repartiam pelos dois sítios. Os montes eram mantidos em condições idênticas, sendo, constantemente, reabastecidos de forma a manter a mesma quantidade de comida. Um elemento importante na experiência resultava do facto de que os rastros deixados pelas primeiras formigas que visitavam um dos locais acabaria por influenciar o comportamento das restantes, ou seja, a escolha aleatória de um pequeno número acabaria por influenciar as decisões do grupo. Pensava-se, assim, que, após algumas flutuações iniciais, os resultados de experiências sucessivas, acabariam por seguir um padrão estabelecido. Nada disso aconteceu. A proporção de formigas que visitava qualquer um dos locais variava aleatoriamente, sendo essa proporção sujeita, quer a períodos de

alguma estabilidade, quer, por vezes, a mudanças repentinas.

O autor apoia-se nas conclusões de Alan Kirman que se debruçou, atentamente, sobre esta experiência. Kirman, de forma muito simples, afirmou que qualquer formiga tem sempre três hipóteses: continua a visitar o local que já antes visitara; é influenciada por outra formiga a visitar o outro local; decide, espontaneamente, procurar o outro monte. Sendo assim, não existem experiências idênticas, pois as escolhas variam constantemente, consoante as probabilidades. Daí que, a curto prazo, as mudanças sejam completamente imprevisíveis, muito embora, por vezes, se consigam discernir algumas regularidades, ao longo do tempo.

Paul Ormerod sustenta que os princípios básicos do comportamento das formigas podem ser aplicados a um conjunto grande de fenómenos socioeconómicos, uma vez que os indivíduos encaram, igualmente, um número de escolhas limitadas, sendo também o seu comportamento influenciado pelo comportamento dos outros. Ao longo do livro, estes princípios são utilizados para explicar um conjunto de fenómenos socioeconómicos tão variados como, por exemplo, os últimos sucessos de Hollywood, o comportamento dos mercados financeiros, a escolha de tecnologias, criminalidade, estruturas familiares, o fracasso das técnicas econométricas, ciclos económicos e o crescimento económico. A ideia do autor é mostrar a superioridade do modelo dos agentes interactivos relativamente às abordagens convencionais.

Um dos aspectos mais interessantes do seu livro é, sem dúvida, a análise sobre os ciclos económicos. É sabido que a explicação dos ciclos económicos constitui um dos maiores fracassos da economia convencional. O autor propõe, então, um modelo diferente baseado nos princípios de comportamento da colónia de formigas. São elementos fundamentais do seu modelo a diversidade e as interações dos agentes individuais, em termos de não-racionalidade e incerteza relativamente ao futuro. Não são considerados choques aleatórios externos à economia, não pelo facto de a sua existência ser inadmissível, mas apenas porque não são necessários no modelo. Os ciclos geram-se internamente, devido à introdução da hipótese da incerteza. Após serem confrontadas as suas propriedades e previsões com a informação real acerca dos ciclos económicos, o modelo, embora simples

em termos matemáticos, revela-se claramente superior às abordagens convencionais, nomeadamente à conhecida teoria dos ciclos económicos reais.

De igual modo, Paul Ormerod realça as limitações das teorias do crescimento económico originadas no pensamento económico convencional. É o caso do modelo de Solow que, entre outros problemas, aponta para a consideração da hipótese de rendimentos proporcionais constantes ou decrescentes. Divergindo profundamente desta abordagem, o autor apresenta um modelo alternativo que, para além da diversidade dos agentes e das suas interacções, admite ainda a existência de rendimentos crescentes, o que acaba por se reflectir numa tendência para o auto-reforço, tal como acontecia com a colónia de formigas. De novo, o modelo por ele apresentado fornece uma melhor descrição da realidade.

Uma última questão colocada no livro de Paul Ormerod prende-se com o papel do governo na sociedade. Se regras determinísticas bastante simples podem gerar comportamentos complexos e completamente imprevisíveis no curto prazo, como deverão os governos actuar? Mais uma vez, o autor recorre ao modelo básico das formigas. É que a experiência mostrou que, se as formigas têm uma baixa propensão para mudar de comportamento, a colónia passa uma grande parte do tempo nos extremos da distribuição - por exemplo, visitam quase todas o local A e poucas o local B ou vice-versa. Se, pelo contrário, as formigas têm uma alta propensão para alterar o seu comportamento, a colónia tem uma distribuição mais equilibrada ao longo do tempo. Significa isto que é impossível evitar que a colónia passe sempre algum tempo num dos locais. Todavia, esse tempo poderia ser significativamente reduzido, admitindo que a propensão para mudar de comportamento poderia ser influenciada.

O exemplo é transposto para a sociedade, onde, em vez de formigas, existem indivíduos ou empresas. Assim, os governos poderão influenciar a propensão para mudar ou manter o comportamento dos agentes e, dessa forma, encaminhar o sistema na direcção desejada. Então, conclui Ormerod, os governos não deveriam concentrar-se nas intervenções de curto prazo, onde os efeitos são incompletos e, por vezes, ilusórios. É necessário aceitar a inevitabilidade dos ciclos económicos como parte integrante da economia e encarar os problemas numa óptica de longo prazo, onde as

características do sistema como um todo poderão ser influenciadas. 'Menos pode ser mais' (p.226), afirma Paul Ormerod, demonstrando, de seguida, que a acção dos governos em períodos de inflação, de instabilidade cambial e desemprego poderá ser mais eficaz se adoptar uma visão de longo prazo.

Tal como outros autores, Paul Ormerod procura aplicar na economia as perspectivas trazidas pela biologia e pela teoria do caos.

O fascínio que a física do século XIX exerceu na economia conduziu a teoria económica ao mecanicismo e ao reducionismo adoptados. No entanto, é negável que os processos económicos têm mais analogias com a biologia do que com a mecânica celeste, pois envolvem seres vivos e, certamente, o pensamento e a crítica económicas poderão tirar benefícios desta inspiração nos contributos das teorias contemporâneas da biologia. No entanto, a transferência da metáfora biológica para a economia, ainda que inspiradora e produtiva, requer alguns cuidados. É claro que está completamente fora do horizonte dos autores atraídos pelas ideias da biologia a utilização de determinismos de comportamento baseados no código genético. Apesar disso, a biologia não pode ser encarada como a solução para tudo. A economia não deverá deixar de imitar uma ciência para começar a imitar outra. Os fenómenos sociais são mais complexos do que os fenómenos orgânicos, pois são institucionalmente configurados pela escolha, pelo propósito e a intencionalidade humana.

Relativamente à teoria do caos, a sua influência na economia veio pôr em causa a ideia de que as teorias deverão ser apreciadas de acordo com o facto de conseguirem ou não gerar predições correctas. Na verdade, nos modelos não-lineares, a dependência sensível às condições iniciais implica a imprevisibilidade dos resultados. Por outro lado, um outro aspecto importante que a teoria do caos prova é que, na verdade, o todo não pode ser conhecido através da soma das partes. Isso equivale a negar a validade do individualismo metodológico, o suporte das teorias ortodoxas. O determinismo, a racionalidade e o equilíbrio terão, pois, que ser abandonados, se o que se pretende é uma economia que se aproxime da realidade.

É neste sentido que *A Economia Borboleta* constitui um contributo interessante. O modelo dos agentes interactivos parece ser uma ferramenta eficaz para abrir caminho para a reconstrução dos postulados da economia e a

elaboração de uma nova teorização do comportamento socioeconómico.

**Vasco Almeida**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Monique David-Ménard. 2000. *Tout le Plaisir est Pour Moi*. Paris: Hachette. 203 pp. ISBN: 2-01-235528-5.**

Monique David-Ménard explora a singularidade do indivíduo humano, a partir da história dos seus prazeres e sofrimentos. Trata-se de mais uma releitura de Freud, amplamente ilustrada com casos clínicos e centrada em alguns textos fundadores da psicanálise: *Projecto de uma Psicologia para Neurólogos* (1895), *A Interpretação dos Sonhos* (1900), *As Pulsões e os seus Destinos* (1915), *Para Além do Princípio do Prazer* (1920) e *A Negação* (1925).

A psicanálise tendia, com Freud, a explicar a alteridade (produto das diversas singularidades), no confronto entre a relativa monotonia das exigências do prazer e a multiplicidade de trajectos na realidade. O inconsciente, dizia Lacan, não é irreabilidade, é não-realizado. Tratam-se de dois níveis de explicação da formação de novos conhecimentos, complementares e não antagónicos. O livro de David-Ménard pode fornecer importantes revelações acerca do estatuto desta complementaridade. Como as pulsões fabricam a singularidade dos indivíduos, a partir das ligações que instauram entre os objectos e os diversos aspectos de nós próprios?

A autora discute a forma como, na transferência, os desejos alucinatórios (ou hipertensores como lhes chamava Freud) estão ligados às angústias. Freud fez uma separação entre sintomas e sonhos que reflectem, de algum modo, a realidade quotidiana e, por outro lado, os prazeres polarizados pela esperança de um *absoluto* e que ignoram a consideração da realidade. Já em 1895, escrevia que o aparelho da alma que transforma o prazer, o desprazer e a angústia tendia, de uma forma espontânea, para a alucinação. Depois, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), quando distingue entre o princípio do prazer e o princípio da realidade - postulando que o último não era mais do que uma transformação do primeiro -, fala de uma realização alucinatória dos desejos: todo e qualquer sonho que coloque em jogo a realização alucinatória de um desejo contém a tenta-

ção de um pesadelo conjurado. Contudo, - e é aqui que quero centrar o argumento de Monique David-Ménard - se tal se manifesta de uma forma negativa na repetição (no sintoma ou na transferência), possui também uma expressão positiva, na forma como inventamos o que estava à espera de se expressar, pela variedade da imaginação. De alguma forma, a diversidade infinita do imaginário e os desejos circulam em torno de um ponto de catástrofe, que é sentido, ora de forma positiva, ora de forma negativa. A própria vivacidade da existência depende, desta forma, de como é possível realizar o compromisso entre o desenvolvimento imaginário e o ponto de pesadelo.

A discussão sobre a racionalidade ou irracionalidade do prazer assume contornos epistemológicos mais satisfatórios na abordagem que David-Ménard faz acerca de que a grande novidade da psicanálise é o facto de definir a singularidade dos seres humanos pela forma através da qual abordam o prazer e o seu excesso. Neste sentido, a psicanálise não pode ser confundida, nem com um hedonismo à maneira de Epicuro, nem com um formalismo à maneira de Kant, mas interessa-se, sobretudo, pela forma paradoxal como cada pessoa aborda o prazer. Se, no pensamento ocidental, desde Platão, o prazer se confunde com aquilo que está de uma forma metafísica implicado com a irracionalidade da matéria, a psicanálise, de modo algum, confunde o excesso de prazer com a irracionalidade: 'estudando, de uma nova forma, o sonho, a paixão, os pensamentos, os actos, os psicanalistas estão atentos ao que, na diferenciação de uns seres humanos em relação aos outros, tem a ver com a sua experiência do prazer. Esta experiência é um processo que deixa um rasto dele próprio, permitindo-nos o seu estudo; este processo tem uma história e cada experiência caracteriza o indivíduo de uma forma ímpar' (p.40). Pensar o prazer deixa, assim, de ser o estudo daquilo que nos desorganiza para procurar compreender como se determinam as singularidades humanas. O perigo não deve ser confundido com a irracionalidade, mas a racionalidade passa a se constituir, em grande medida, no modo como se lida com o perigo. Desta forma, a sexualidade confunde-se com os fantasmas e práticas nos territórios do prazer, do desprazer e da angústia, onde a identidade se forma.

O princípio da realidade não pode, por outro lado, ser confundido com um espelho ou